

2013 é Ano Tomie Ohtake na UERJ

No ano em que completa 100 anos, a artista plástica será homenageada pela Universidade com o lançamento do Ano Tomie Ohtake na UERJ no dia 12 de março, às 17h30, com o descerramento pelo Reitor Ricardo Vieiralves do painel em homenagem à artista japonesa, no térreo do prédio principal do *campus* Maracanã. Haverá uma apresentação de tambores japoneses, chamados *taiko*, promovida pela Associação Nikkei do Rio de Janeiro, e projeção do documentário *Tomie*. O evento terá a presença de Ricardo Ohtake, designer gráfico e filho da artista.

Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, no Japão, em 21 de novembro de 1913. Chegou ao Brasil em 1936, radicando-se em São Paulo, e se naturalizou brasileira em 1968. A artista, que só começou a pintar aos 40 anos, é considerada uma das representantes do movimento abstracionista.

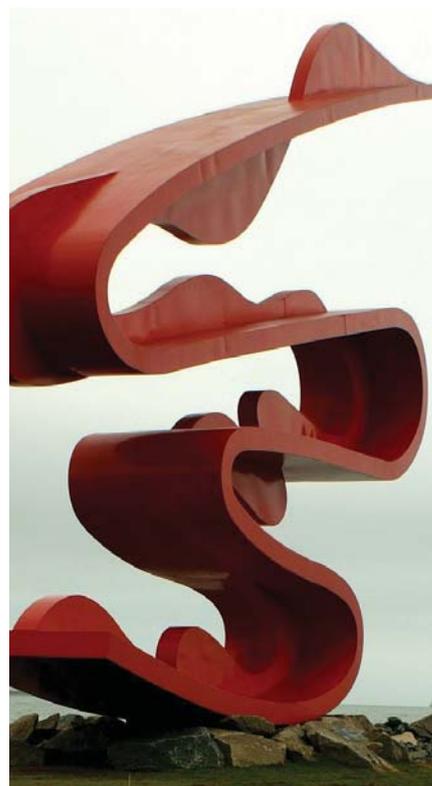
Suas pinturas, gravuras e esculturas estão expostas em espaços públicos, principalmente na cidade de São Paulo, como o Monumento à Imigração Japonesa e painéis no Instituto de Estudos Brasileiros, na USP. No Rio de Janeiro, criou a escultura Estrela do Mar para a Lagoa Rodrigo de Freitas, realizada em 1985 e atualmente em restauração. Tomie participou de cinco edições da Bienal Internacional de São Paulo, conquistou 28 prêmios e realizou quase 50 exposições individuais e 85 coletivas, no Brasil e no exterior. A artista possui ainda um centro cultural que leva o seu nome na cidade de São Paulo, inaugurado em novembro de 2001 e dirigido por seu filho Ricardo Ohtake.



Sem nome, 1976



Instituto Tomie Ohtake / São Paulo



Escultura em homenagem ao Centenário da Imigração Japonesa em Santos (SP)

"EU NUNCA PINTEI COM O EMOCIONAL. SEMPRE PINTEI MAIS FRIAMENTE. É SEMPRE COLOCANDO CAMADA, CAMADA, CAMADA. COLOCANDO MUITAS CORES, CAMADA, CAMADA, ATÉ CHEGAR ONDE EU QUERO. O GESTO ERA BEM MAIS CALMO, CAÍA SEMPRE SOBRE A TELA E SEGUIA UMA DIREÇÃO QUE ERA MAIS MENTAL"

Queda de meteoro na Rússia pode incentivar pesquisas sobre localização de asteroides e formas de desviá-los

No dia 15 de fevereiro um meteoro cruzou o céu da Rússia e caiu na região dos Urais. A onda de choque emitida por ele ao entrar na atmosfera terrestre a mais 60.000 km/h feriu 1.145 pessoas, segundo informações do Ministério de Emergência russo e causou um prejuízo estimado em 1 bilhão de rublos, cerca de R\$ 65 milhões de reais. A Agência Espacial Americana (Nasa) informou que o meteoro tinha aproximadamente 17 metros de diâmetro e pesava 10 mil toneladas antes de entrar na atmosfera terrestre.

O professor do Instituto de Física e astrônomo João Batista Canalle diz que o fenômeno é comum, mas grande parte dos meteoros têm dimensões pequenas e sequer chegam a tocar o solo. “Toda noite basta olhar para o céu que veremos vários meteoros, um por hora, no mínimo, mas que raramente chegam ao chão, pois eles se desintegram antes disso”. O professor ensina também as diferentes nomenclaturas do objeto celeste: fora da atmosfera terrestre é asteroide; quando entram na atmosfera e causam fenômenos luminosos são chamados meteoros; quando chegam ao chão, as partes sólidas são denominadas meteoritos.

A surpresa mundial deve-se, no entanto, ao fato de que nenhum programa de pesquisa, nem planetários e cientistas conseguiram prever a aproximação deste objeto celeste. O professor Canalle esclarece que objetos dessa dimensão, pequenos em proporções astronômicas, não têm a superfície reluzente, são pequenos e por isso difíceis de detectar. Apesar do tamanho do meteoro que caiu no entorno da cidade russa de Chelyabinsk, a leste de Moscou, o professor alerta que esse meteoro de 17 metros causou grande estrago. “O problema poderia ter sido pior caso estivesse próximo a uma grande metrópole, com prédios cobertos por janelas de vidro”, alerta.

No mesmo dia 15 de fevereiro outro asteroide passou de “raspão” pela Terra, o 2012 DA14, que foi previsto



e possuía 45 metros de diâmetro. O asteroide chegou à distância mínima de 27 mil km da Terra, muito próxima em medições astronômicas. Para se ter ideia da distância, alguns satélites geostacionários da Terra estão a uma altura de cerca de 36 mil km.

O professor acredita que a repercussão da passagem do meteoro pode servir de exemplo e incentivo para as autoridades mundiais investirem em programas de pesquisas espaciais para detecção e localização desses objetos: “Imagina se tivéssemos detectado que esse asteroide que passou de raspão viria em nossa direção? Conseguiríamos impedi-lo?”. O professor cita o filme de ficção científica Armageddon (1998), do cineasta americano Michael Bay, como exemplo do que não se deve fazer: “Cavar um buraco em um meteoro e detonar uma bomba em seu interior só multiplicaria o número de corpos celestes e não desviaria seu centro de massa, que continuaria seguindo em direção à Terra”. O ideal, afirma o professor, é desviá-lo, mas demandaria a utilização de muita energia. “Para isso precisamos de decisão política, precisamos fazer testes. Acredito que as autoridades vão se sensibilizar. O que aconteceu vai ocorrer sempre com corpos maiores e corpos menores. Milhares deles já têm suas órbitas rastreadas, o problema são os que ainda não foram localizados. Eles são muitos e precisamos ter mais satélites e telescópios para conseguirmos dizer

qual é a trajetória de todos esses corpos. Que sirva de alerta para as autoridades dos países que têm programas espaciais e condições de chegar ao asteroide e desviá-lo”, enfatiza.

A busca pelo tesouro

Atualmente os meteoritos são objetos de interesse e disputa de cientistas e colecionadores. Para se ter uma ideia, alguns pedaços do meteorito russo chegam a custar cerca de R\$ 4 mil. Eles são restos de nuvem que deram origem ao sistema solar. Essa caça ao tesouro é um problema enfrentado pelos pesquisadores, porque colecionadores que compram os meteoritos impedem o desenvolvimento da pesquisa científica sobre o assunto.

O professor Canalle lembra que o último meteorito que foi notícia no Brasil caiu na cidade fluminense de Varre-Sai. A queda divulgada pela imprensa atraiu colecionadores estrangeiros que chegaram ao local para comprá-lo. A equipe da Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica ficou sabendo da existência do objeto e prontamente avisou aos pesquisadores. “No final o Museu Nacional conseguiu uma amostra do meteorito, a prefeitura da cidade comprou uma parte e outro pedaço foi vendido aos colecionadores” diz. No Brasil não existe uma lei que regulamente a propriedade de meteorito, mas existe uma proposta de regulamentação do assunto, como a necessidade de comunicar as ocorrências imediatamente ao Museu Nacional.

Adriano Caldeira de Araújo, diretor do Departamento de Apoio à Produção Científica e Tecnológica (Depesq)

O Sr. pode listar as atividades desenvolvidas pelo Depesq?

Executamos uma série de ações, como avaliação técnica dos pedidos de auxílio financeiro para participação em eventos; coleta de informações a partir do currículo Lattes e elaboração do Relatório de Carga Horária de Pesquisa para o Banco de Produção Científica (BPC), que é um dos critérios utilizados pela SR2 para conceder ajuda financeira. Também somos responsáveis pela certificação do diretório dos grupos de pesquisa e seus líderes. Pretendemos usar alguns desses parâmetros para a avaliação da produção científica dos docentes da Universidade. Coordenamos ainda programas como o Prociência (fomento destinado a fixar docentes na UERJ, incentivar a produção científica, técnica e artística e estimular a interação entre os vários grupos de pesquisadores) e o Proatec (concessão de bolsas para atender projetos desenvolvidos na UERJ que justifiquem a contratação de técnicos). Com relação ao Prociência, trabalhamos durante aproximadamente quatro meses em um comitê interno, composto por cerca de 40 professores, e um externo (em torno de 400 pesquisadores de fora da UERJ)

analisando projetos de diversas áreas. Temos atualmente 411 bolsas Prociência (todas concedidas pela Faperj). O Depesq monitora constantemente o andamento das atividades desses comitês para que a análise de toda a documentação seja homogênea e os prazos sejam cumpridos. Esse processo de seleção é longo e requer muita atenção. O Proatec (bolsas concedidas pela UERJ e pela Faperj) também exige muitas horas de trabalho. O comitê interno (cada Centro Setorial é representado por três docentes) trabalha durante meses para analisar todos os pedidos. Também gerenciamos a contratação de professor visitante e voluntário – temos atualmente 139 professores visitantes (somados os de curta e longa duração).

Há alguma novidade em relação ao Prociência?

Pretendemos realizar alguns ajustes, que ainda estão sendo estudados. Queremos premiar a produtividade e é importante que o Prociência continue porque ele vem permitindo uma grande melhora tanto na qualidade quanto no volume da produção científica da Universidade. Estamos estudando a pontuação de cada um dos itens: quais continuam sendo avaliados e quais sairão. Com o passar do tempo, a qualidade do trabalho desenvolvido tem melhorado. Consequentemente, o total de pontos, que correspondia a 1.000, era alcançado pela maioria. Essas adaptações consistem em se rever os itens que estão sendo avaliados e suas respectivas pontuações. As alterações devem começar a vigorar em 2014.

Quantos grupos de pesquisa a Universidade possui atualmente?

De acordo com estudos de 2012, possuímos 375 grupos de pesquisa certificados no CNPq, com 379 docentes cadastrados como líderes de grupo. O próximo censo do CNPq deve acontecer ainda neste semestre.

Como resumiria a sua trajetória na UERJ?

Sou graduado em Ciências Biológicas, especialista em Biociências Nucleares e mestre em Biologia pela UERJ – tenho ainda doutorado em Ciências pela Universidade Pierre et Marie Curie e pós-doutorado pelo Instituto Jacques Monod (França). Ingressei na Instituição em 1976 como professor auxiliar. Em 1980 passei a professor assistente e em 1986, a adjunto. Fui ainda vice-diretor do Ibrag (1988-1991). Atualmente estou vinculado aos programas de pós-graduação em Biologia Vegetal e de Fisiopatologia Clínica e Experimental. Como diretor do Depesq posso ter uma noção geral da Universidade, já que passei muitos anos somente no Centro Biomédico.



JANAINA SOARES

O Departamento de Apoio à Produção Científica e Tecnológica (Depesq), subordinado à Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (SR2), possui entre suas atribuições a coordenação de dois importantes programas da Universidade: Prociência e Proatec. Além disso, é responsável pela elaboração do Relatório de Carga Horária de Pesquisa com base no Banco de Produção Científica e pela avaliação dos pedidos de auxílio financeiro a eventos. Diretor da Unidade desde fevereiro de 2012, o professor Adriano Caldeira de Araújo fala nesta entrevista sobre as ações do Depesq e os grupos de pesquisa, entre outros assuntos.

Campus Maracanã recebe unidade da Academia da Terceira Idade

Distribuídas em 120 praças da cidade, as Academias da Terceira Idade (ATI), projeto da Secretaria Especial de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida (SESQV) do Município, têm desde janeiro deste ano uma unidade modelo instalada no *campus* Maracanã. A proposta da unidade é analisar os equipamentos de musculação utilizados pelos idosos e também dar formação aos profissionais que acompanham os frequentadores das academias. A academia modelo foi implantada por meio de uma parceria entre a Secretaria municipal, o Instituto de Educação Física e Desportos e a Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) da UERJ e fica localizada no complexo esportivo da Universidade, ao lado do restaurante universitário.

A academia está aberta ao público, é gratuita, e qualquer pessoa com mais de 18 anos pode se inscrever. As atividades se distribuem em dois horários, de segunda a sexta-feira: de manhã, entre 7h e 10h, e à tarde, entre 15h e 18 horas. Os interessados em se inscrever



na academia devem comparecer ao local nos horários de funcionamento e procurar um profissional para fazer a matrícula. Para começar a frequentar a academia é preciso apresentar um atestado médico.

Segundo o professor Paulo Farinatti, coordenador do Laboratório de Atividade Física e Promoção da Saúde e responsável pela unidade da UERJ, a parceria com a Universidade permite pesquisar a tecnologia para os equipamentos e formar recursos humanos capacitados para trabalhar nas academias espalhadas pela cidade, além de fazer o atendimento dos idosos: “A Secretaria procurou a UERJ com o propósito de aperfeiçoar esse trabalho”, diz Farinatti.

Exercícios

Maria Nilza de Souza Reis, de 66 anos, foi a primeira a se inscrever na academia do *campus* e costuma brincar que o local é um “parquinho”, pelo ambiente agradável e pelo prazer de se exercitar. A aposentada Maria de Azevedo Freitas, de 84 anos, garante que tem mais energia e disposição depois de um mês de exercícios semanais. Com uma vida bastante ativa, a aposentada Lucia Vitorino, de 67 anos, diz que a academia é uma das atividades dela na UERJ, pois também frequenta as oficinas oferecidas pela UnATI. Há dez anos ela se exercita todos os dias e afirma que não consegue se imaginar parada.

A academia, que está funcionando há um mês em caráter experimental, será inaugurada oficialmente em março. A professora do IEFD, Marisa de Almeida Cruz, conta que antes de começar os exercícios os idosos descansam 10 minutos, enquanto a técnica de enfermagem Cristiane Lopes afere a pressão. Esse acompanhamento diário permite verificar se o idoso está em condições de praticar os exercícios.

Teatro Odylo Costa, filho ajusta o seu sistema de segurança

Com capacidade para cerca de 1.100 pessoas, o Teatro Odylo Costa, filho está fechado temporariamente para aperfeiçoar o seu sistema de segurança. A informação foi divulgada por meio de circular da Sub-reitoria de Extensão e Cultura no mês de fevereiro. Apesar de o espaço ser vistoriado periodicamente pelo Corpo de Bombeiros, como é obrigatório, e atender aos requisitos essenciais para que possa funcionar, o fechamento do teatro foi necessário devido às novas exigências da Portaria CBMERJ nº 722.

Depois do episódio da boate Kiss na cidade de Santa Maria (RS), cujo incêndio matou quase 250 jovens, o governo do estado e o Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro estabeleceram normas

adicionais de prevenção para evitar acidente semelhante no estado. O Código de Segurança Contra Incêndio e Pânico (CoSCIP) foi complementado pela Portaria CBMERJ nº 722 que, entre outras coisas, obriga prédios de afluência pública a seguir padrões na instalação de placas informativas sobre a segurança contra incêndio do local.

O Teatro Odylo Costa, filho foi elogiado pelo Corpo de Bombeiros em relação às perfeitas condições do local para receber os seus frequentadores e pelas várias saídas de emergência. O Diretor do Departamento Cultural (Decult), Ricardo Lima, explica que “a lei define que as portas das saídas de emergência tenham largura de 1,80 metro e as do Odylo têm 2 metros”.

No caso do Teatro da UERJ, outra exigência é a ignifugação do espaço, que consiste no revestimento de cortinas, assentos e tapetes com material resistente a fogo, e que agora será realizada a cada seis meses. Esse é o processo que exige tempo maior para a melhora na segurança e segundo a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques, trata-se de um procedimento caro, que demanda tomada de preços e licitação. Ela esclarece que a solução encontrada foi realocar a programação do Teatro: “Tivemos que solicitar aos responsáveis pelos pedidos de uso para transferir a sua atividade para outro espaço, pois o Teatro está ocupado até o final do ano”. A estimativa é de que o Teatro reabra até meados de março.



Reitor: Ricardo Vieiralves **Vice-reitor:** Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira **Informe UERJ – Edição de texto:** Graça Louzada, Sonia Virgínia Moreira

Apuração: Fausto Jr., Janaína Soares, Mariana Pelegrini e Mayana Garcia **Estagiário:** Daniel Alves **Fotos:** Thiago Facina **Projeto Gráfico e editoração:**

Rafael Bezerra • **Tiragem:** 1.000 exemplares **Impressão:** Gráfica UERJ • **Contato:** comuns@uerj.br